



EXPEDIÇÃO PÉ NA ESTRADA

UMA VIAGEM DE MOTORHOME 1

Janeiro de 2019



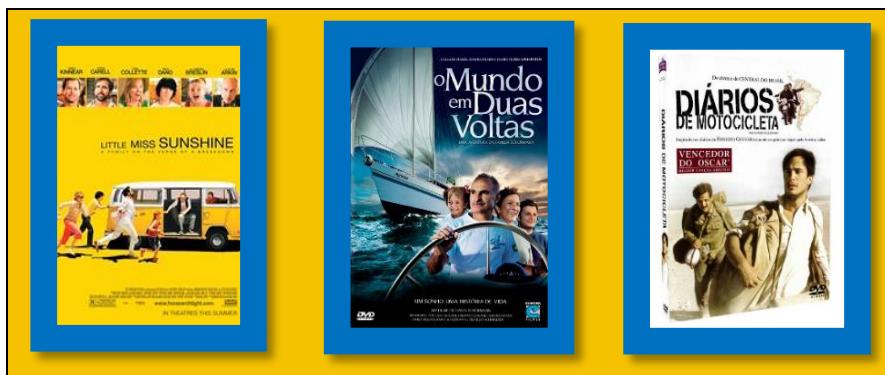
EXPEDIÇÃO PÉ NA ESTRADA

UMA VIAGEM DE MOTORHOME 1

Há algumas semanas saiu uma matéria no jornal Folha de São Paulo, em que era relatada a experiência de viajantes que se propuseram a fazer percursos em diferentes modais de transporte. Fui com certa avidez para a leitura, já que estava prestes a fazer alguma coisa desse tipo. Havia de tudo na reportagem: casais que viajavam de motocicleta pelo continente sulamericano; outros que adaptaram um Jeep acompanhado de uma barraca que suprime as necessidades de uma “casa”; uma jovem e o primo que viajaram dos Estados Unidos ao Brasil com um fusca antigo etc.

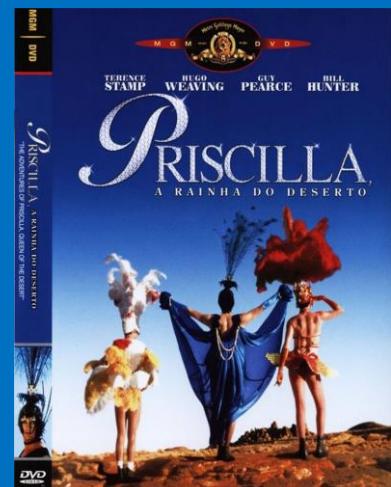
Apesar das diferenças de veículos, dos orçamentos e dos tempos que dispunham, algo eles tinham em comum: todos estavam com menos de 50 anos e a maioria deles tinha menos de 35. Nada era parecido ao que pretendia fazer e o que queria realizar não era tão espetacular como a matéria fazia parecer e deveria ter sido as viagens deles, mas mesmo assim fiquei me perguntando se a “aventura” planejada seria razoável para um casal sessentão que desejava viajar de motorhome com os netos de 5 e 9 anos.

Antes de colocarmos o pé na estrada (o mais preciso seria as rodas na estrada, mas ficamos com a expressão consagrada, ok?), a expectativa era grande por parte dos avós, já que todo mundo da nossa faixa de idade viu inúmeros filmes no cinema, pela Netflix, ou na Sessão da Tarde da Rede Globo (não vamos falar daqueles em branco e preto da TV Record ou da Tupi), em que famílias ou casais de hippies ou outras trupes saem pelas estradas com esses veículos quase casas ou apenas com uma mochila nas costas para parar e dormir onde for possível.



Se os avós estavam com expectativas positivas sobre a viagem, os netos estavam muito mais que isso, estavam ANSIOSOS, assim com letra maiúscula, afinal o repertório de experiências deles é menor e a imaginação muitíssimo maior.

EXPECTATIVA E ANSIEDADE



Essa ansiedade já vinha se manifestando bem antes da viagem, quando eles passaram a perguntar quantos dias faltavam para a viagem com tanta frequência, quanto perguntavam sobre o número de semanas que faltavam para o Natal. E a ansiedade foi crescendo à medida que o grande dia se aproximava e as questões iam aparecendo:

O motorhome conseguirá entrar no estacionamento do supermercado se precisarmos comprar alguma coisa? perguntou Otto.

Podemos levar 50 jogos diferentes para brincar dentro dele? Duvidou Theo denotando sua tendência aos exageros.

Se não podemos gastar muita água, não seria melhor a gente ficar uma semana sem banho? Esta foi a brilhante ideia do Theo para evitar o chuveiro.

Será que tem como adaptar o vídeo game na TV do motorhome? Perguntaram em uníssono os dois.

Pelas perguntas já é possível deduzir o tipo de aventura que fámos viver, nada hollywoodiana sem dúvida, mas extremamente valorosa para quem percebe que daqui a dois ou três anos o mais velho entra na puberdade e não vai querer mais andar por aí com os avós. Assim, nossa experiência não é nada libertadora como a viagem de Thelma e Louise ou engajada como a de Che Guevara, nem gaiola das loucas como a de Priscilla, tão pouco improvisada e esperançosa como a de Miss Sunshine e sua família, mas um pouquinho de cada coisa, ao menos na nossa imaginação.

Ops, ia esquecendo de apresentar o quarteto: Eliseu, Otto, Theo e eu, Carminha.

Aí estamos nós, minutos antes de entrar no carro, ao lado dos travesseiros e de tudo mais que tinha que se levar, além das malas, e que nem foi enquadrado na foto: sacola com jogos, cesta com alimentos, mantas, toalhas de banho, laptops, coletes para nadar, bolsa com protetor solar e antirrepelente, três garrafas de vinho e algumas de suco de uva etc.

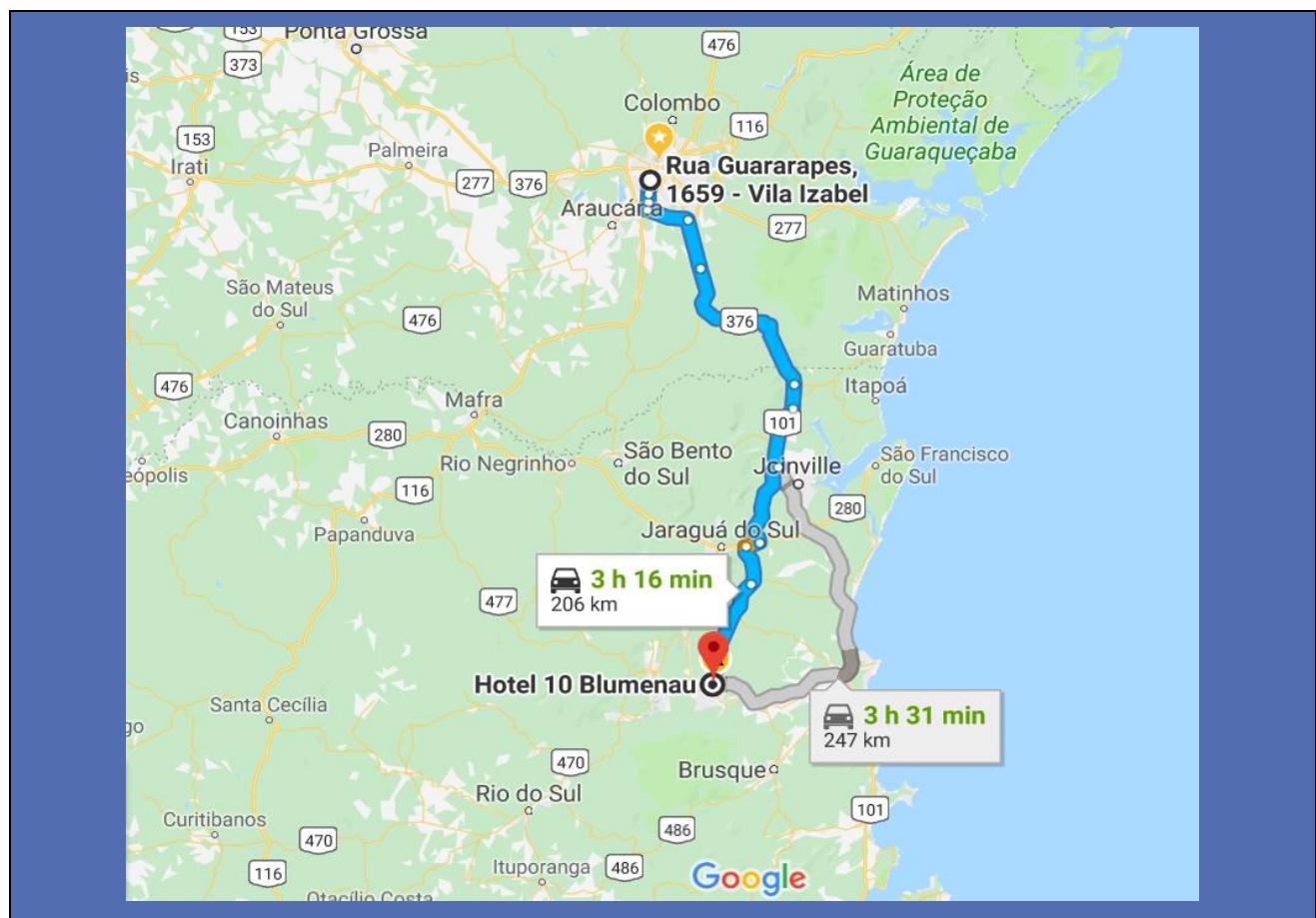


Bom, já deu para ver que tem toda uma parte prática e que viajar de motorhome tem suas especificidades. Uma delas, sem dúvida, é a bagagem que tem que ser racional e restrita, pois o espaço é reduzido, mas tem que ser, ao mesmo tempo, uma bagagem grande, porque precisamos levar muita coisa.

Como compatibilizar as duas coisas? Ao meu estilo, preferi ficar com a segunda opção e levar tudo que poderia ser necessário (ou quase tudo). Depois de termos ajeitado as malas no carro, ainda faltava muita coisa para ser chuchada dentro do reduzido porta-malas da EcoSport, que nos levaria até Blumenau onde estava o motorhome.

Devia ter feito uma foto do carro com cada centímetro bem aproveitado.

Na véspera do início da viagem com o motorhome, fizemos o percurso de Curitiba a Blumenau para que, no dia 14 de janeiro de 2019, início da expedição, já estivéssemos na cidade onde pegaríamos o grande veículo de propriedade do Sr. Odair, que é o nosso condutor neste percurso.



Cruzamos a região do Vale do Itajaí que conhecemos nos anos de 1970, ainda como alunos de graduação na universidade e, agora, surpreendemos-nos com o empobrecimento da região, tanto porque as estradas estão mal conservadas (responsabilidade federal? estadual?), como porque se percebe, na paisagem, os efeitos de relativo processo de perda do papel industrial desta área do país. De todo modo, o vale é muito bonito, com sua paisagem rururbana com alguns poucos traços da arquitetura alemã e o cultivo do arroz, passando a ideia, à medida em que o carro passava, que estava tudo gramado.

Se você, leitor, já viajou com crianças pode imaginar o número de vezes que foi perguntado quanto tempo demoraria para chegar e também já pode deduzir que não levamos apenas as 3h16 que o Google indica para fazer o percurso, tanto porque, no alto verão, as estradas catarinenses no leste e nordeste do estado ficam

congestionadas por causa da afluência às praias, como pelo fato de que foi preciso parar mais de uma vez, uma delas para almoçar.

A passagem da noite em Blumenau foi um mega acelerador, não de partículas, mas da ansiedade dos dois, mas vencemos esse desafio e, assim, amanheceu o dia 14 de janeiro de 2019, efetivo primeiro dia no motorhome, que o Theo, até então, chamava de “rotor-rome”.

Fiquei tão atordoada com as tarefas relativas à retirada das roupas e sapatos das malas para passá-las às gavetas e outros cantinhos do veículo, bem como à acomodação dos alimentos frescos e congelados, que não me ocorreu filmar a entrada dos meninos, verificando cada detalhe do quase-ônibus e discutindo as vantagens e desvantagens que teria a escolha de cada opção de cama, pois havia oito disponíveis e nós somos apenas quatro pessoas.



Finalmente, após ponderar muito, cada um escolheu a sua (ambos no segundo andar do beliche) e curtiram aparecer na janelinha.



Fontes das imagens:

<http://viagemempauta.com.br/2014/12/30/10-filmes-para-inspirar-suas-viagens-em-2015/>

<https://www.mochileiros.com/blog/25-filmes-de-viagem-para-assistir-no-netflix>

<https://www.google.com/search?q=desenho+de+motorhome>

Carminha Beltrão, janeiro de 2019